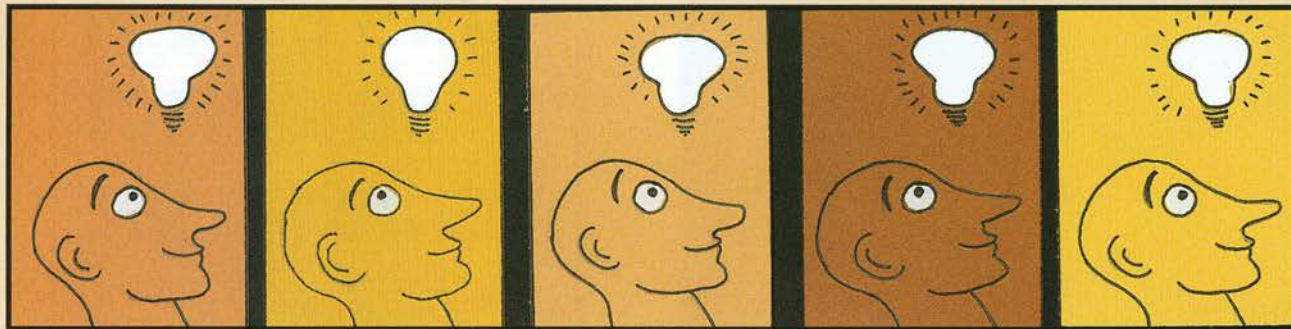


ESTRATÉGIAS



De quantas idéias se faz um homem?

Contar as idéias humanas para saber se elas são finitas ou infinitas? Por mais exótico que pareça, esse é o plano do professor Darryl Macer, da Universidade de Tsukuba, no Japão. Em artigo recente (publicado na edição de dezembro do *Eubios Journal of Asian and International Bioethics*), ele defende a criação de um projeto de mapeamento do intelecto humano e convoca os interessados a participar de um congresso no Japão, em fevereiro de 2003 (informa-

ções no site www.biol.tsu-kuba.a.c.jp/~macer/index.html). Macer acredita que, se definíssemos uma idéia como a concepção mental de um objeto – seja ele físico, psicológico ou produto de experiências sensoriais –, e se levássemos em conta que o número de objetos do mundo é limitado, então as idéias também o seriam. Essa hipótese tem várias implicações, é claro. Em carta à revista *Nature* (14 de novembro), o pesquisador afirma que, se ficar provado que

as idéias são de fato finitas, as afirmações nacionalistas, por exemplo, perderão o sentido. “Como uma cultura poderia afirmar a particularidade de seus valores”, pergunta, “se esses valores forem apenas variações de idéias presentes em todas as culturas?” Além do mais, se as idéias não passam de respostas a estímulos sensoriais e motores, não há por que considerar o pensamento como produto exclusivo da racionalidade humana. Macer lembra que os elefan-

tes visitam os ossos dos antepassados do mesmo modo que os homens visitam o túmulo dos seus. Nesse caso, reverenciar os mortos seria uma idéia universal compartilhada por ambas as espécies. Assim, nas contas do cientista, descobrir quantas e quais das idéias humanas são realmente universais ajudaria não só a superar os particularismos entre os homens como também a entender as “idéias e pensamentos” das outras espécies. •

■ Ciência japonesa falará inglês na Web

A comunidade científica japonesa pretende lançar na Internet um grande número de revistas acadêmicas em inglês (*Nature*, 31 de outubro). O Instituto Nacional de Informática, em Tóquio, se encarregará de fornecer a tecnologia, e as principais instituições acadêmicas japonesas nomearão os quadros para os conselhos editoriais. Verbas iniciais de US\$ 1,4 milhão já foram requisitadas pelo Ministério da Educação. Outra contribui-

ção importante virá da Sparc, uma associação de editoras e livrarias norte-americanas e européias especializadas na publicação de revistas universi-

tárias *on line*. Oficialmente, a iniciativa visa a ampliar ainda mais a já significativa presença do Japão no cenário científico global. Mas, embora não

alardeiem sua insatisfação com o espaço que vêm recebendo nas publicações ocidentais, os pesquisadores japoneses admitem que se sentirão mais bem tratados enviando seus *papers* para publicações nacionais. •



■ UE luta para manter a pesquisa em casa

As grandes corporações européias ameaçam transferir a maior parte de seus investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) para o exterior (*Financial Times*, 26 de novembro). Responsabilizam

por isso desde a falta de recursos humanos e infra-estrutura para a implementação das pesquisas até a insuficiência de incentivos e a legislação burocrática na União Européia (UE). Extra-oficialmente, a Mesa-Redonda dos Industriais (MRI) – grupo de pressão que reúne as 42 maiores empresas multinacionais da Europa – já advertiu o Conselho Europeu que a meta fixada ano passado, de aumentar os investimentos em P&D de 1,9% para 3% do PIB da UE até 2010, é irreal. Daniel Janssen, um dos líderes da MRI e presidente da Solvay – poderoso conglomerado da indústria química belga –, afirma que, apesar da recessão, a disposição das empresas é continuar investindo forte em pesquisa. Só que não na Europa. Projeções indicam que as maiores companhias européias já empregam 40% de seus orçamentos para P&D fora do continente. Tentando reverter essa tendência, a UE anunciou, em novembro, um plano de apoio à ciência e tecnologia que prevê a injeção de mais US\$ 17 milhões nos próximos quatro anos. •



LAURABEATRIZ

plena consciência da importância de sua descoberta para a medicina, muito antes de a droga ser isolada por outros dois cientistas, em 1940. •

■ Reputação ressuscitada

O pesquisador Milton Wainwright, da Universidade de Sheffield, na Inglaterra, recorreu a um método utilizado em música para salvar a reputação de um cientista: Alexander Fleming, o pai da penicilina (*Nature*, 31 de outubro). Fleming descobriu a droga em 1928, mas, longe de ser festejado, tem sido lembrado como um relapso que não se preocupou em isolar a substância nem percebeu seu potencial como medicamento – o que teria retardado em uma

década a propagação de seus benefícios. Como um musicólogo que tenta completar uma sinfonia inacabada a partir de fragmentos de partituras, Wainwright reconstruiu as práticas de laboratório de Fleming com base nos apontamentos que ele deixou. Depois, com rigorosa fidelidade ao estilo e ao método do cientista, redigiu um documento que, acredita, seria o estudo que o próprio Fleming escreveria sobre a penicilina se tivesse conseguido reunir os dados de que necessitava. Tudo isso para provar que Fleming não era nenhum diletante. E que tinha

■ Biotecnologia e segurança alimentar

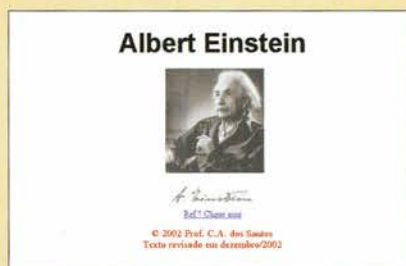
A pesquisa Atitudes dos Consumidores dos Estados Unidos em Relação à Biotecnologia Alimentar, elaborada pelo *International Food Information Council* (IFIC), concluiu que 61% dos norte-americanos acreditam que a biotecnologia beneficiará diretamente suas famílias dentro de cinco anos e que 54% consumiriam alimentos geneticamente modificados. A expectativa é que a biotecnologia traga benefícios para a saúde e nutrição, garanta qualidade e maior variedade de alimentos, reduza o uso de defensivos agrícolas e aumente a segurança. Apenas 2% dos entrevistados citaram a engenharia genética como um motivo de preocupação em relação à segurança alimentar. A pesquisa, concluída em agosto de 2002, ouviu 1001 consumidores e é a sétima de uma série iniciada em 1997. •

Ciência na web

Envie sua sugestão de *site* científico para cienweb@trieste.fapesp.br



<http://www.prossiga.br/recursosminerais>
Portal de Recursos Minerais reúne informações sobre o tema e destina-se a professores e pesquisadores.



<http://www.if.ufrgs.br/einstein>
Conjunto de páginas da UFRGS sobre Albert Einstein com abundantes dados biográficos, profissionais e intelectuais.



<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/index.htm>
Laboratório de Iluminação da Unicamp apresenta numerosas informações técnicas sobre o tema.

Novo acordo une Brasil e China

Brasil e China vão ampliar o acordo de cooperação já firmado entre os dois países na área espacial. Um novo protocolo, assinado no dia 27 de novembro, prevê a construção de mais dois satélites, o CBERS 3 e o CBERS 4. O primeiro acordo, assinado em 1988, resultou na construção dos satélites CBERS 1, lançado em outubro de 1999, e do CBERS 2, em fase final de construção e que deverá ser lançado entre agosto e setembro deste ano, na China, conforme disse o embaixador daquele país, Jiang Yuande. Os dois novos satélites vão atender a um conjunto de aplicações do sensoriamento remoto em áreas como monitoramento florestal, de oceanos e águas



EDUARDO CESAR

Parte dos CBERS foi construída por empresa nacional

interiores; impactos ambientais; avaliação de produção agrícola; gerenciamento de desastres naturais; avaliação de crescimento urbano e cartografia topográfica e temática. “O uso da tecnologia de sensoriamento é uma das contribuições da tecnologia espacial para a

melhoria efetiva das condições de vida de nossas populações”, afirmou o ministro da Ciência e Tecnologia, Ronaldo Sardenberg. O Projeto CBERS, idealizado como modelo de cooperação e intercâmbio entre países em desenvolvimento, teve também como objetivo

marcar o início de uma nova etapa do Programa Nacional de Atividades Espaciais e ainda serviu como fator estratégico para a diversificação de parcerias. O programa garantiu, ainda, que os dois países alcançassem autonomia no que tange a geração de imagens de sensoriamento remoto. “Uma parcela dos subsistemas dos CBERS 1 e 2 foi construída pela engenharia brasileira”, lembrou Sardenberg. Ele acredita que, se Brasil e China adotarem as políticas adequadas para a difusão das imagens do CBERS, haverá “oportunidades extraordinárias, seja em termos comerciais, seja no reforço de nossas relações com os países em desenvolvimento”.

■ Prêmio de Incentivo para o SUS

A tese de doutorado *Dengue e Espaços Intra-urbanos: Dinâmica de Circulação Viral e Efetividade de Ações de Combate Vetorial*, de Maria da Glória Teixeira, do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia, ganhou o Prêmio de Incentivo em Ciência e Tecnologia para o SUS – 2002 na categoria tese de doutorado. O prêmio, instituído em 2002 pelo Ministério da Saúde, tem como objetivo reconhecer o talento e o mérito de pesquisadores brasileiros cujos trabalhos tenham alto potencial de aplicação ao Sistema Único de Saúde. A Comissão Julgadora, formada

por cientistas e gestores de saúde e de ciência e tecnologia, recebeu 294 propostas, selecionando 18 em três categorias: teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias de especialização ou residência. Também foi premiada a dissertação de mestrado de Alide Marina Bihel Ferraes, graduada em Farmácia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o tema *Política de medicamentos na atenção básica e a assistência farmacêutica no Paraná*, e a monografia *Nutrição no Programa Saúde da Família*, apresentada pela nutricionista Elaine Martins Pasquim, da Universidade de Brasília (UNB). Os outros 15 trabalhos receberam menção honrosa.

■ Versão em inglês de Pesquisa FAPESP

Pesquisa FAPESP ganhou uma edição especial em inglês, com 72 páginas. O objetivo foi dar ao pesquisador e ao jornalista especializado



Edição reúne as melhores reportagens de 2002

em ciência e tecnologia estrangeiros uma amostra da melhor pesquisa produzida no Brasil, frequentemente estampada nas páginas de *Pesquisa FAPESP* em português. Os mil exemplares da edição especial estão sendo enviados às principais instituições de pesquisa e órgãos de imprensa de outros países. Também o Itamaraty a está distribuindo nos seus 120 postos no exterior. A revista em inglês traz algumas das melhores reportagens publicadas entre março e novembro de 2002 na edição brasileira. Entre os *Highlights of Brazilian Research in 2002*, constam pesquisas importantes, como, por exemplo, o desenvolvimento da vacina gênica contra câncer e tuberculose, a nova tec-

Fundação Araucária
e Faperj lançam
Mita'y e *Nexo*



nologia que permite aumentar até 30% a produção de álcool e a descoberta de que o jatobá pode ser usado como alternativa para absorver mais dióxido de carbono da atmosfera. Já existem versões em inglês e espanhol de *Pesquisa FAPESP*, disponíveis no *site* da revista (www.revistapesquisa.fapesp.br). A edição especial em inglês pode também ser consultada no *site*.

Investimentos recompensados

A intensa utilização de redes no desenvolvimento de negócios nos últimos anos garantiu ao Brasil o primeiro lugar no *ranking* dos países latino-americanos com melhor desenvolvimento de tecnologias de comunicação e de informação. A classificação é do Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês). Por outros dois critérios também utilizados pelo fórum – um mede o desempenho macroeconômico e o outro avalia instituições públicas –, o Brasil ficou em terceiro lugar entre os países latino-americanos, atrás do Chile e da Ar-

gentina. Já no *ranking* mundial de competitividade, também elaborado pelo WEF, o Brasil está na 46ª posição. Mas a classificação do país no *ranking* mundial de tecnologia só será conhecida, de fato, em janeiro, em Davos, Suíça, quando a WEF apresentará os resultados finais desse estudo.



Divulgação científica

No último semestre de 2002 foram lançadas duas novas revistas de divulgação científica. A primeira foi a *Mita'y* – termo cunhado a partir da palavra *mitã'i*, que significa o que nasce ou o que é novo, em guarani – publicada pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná. A revista, cujo endereço eletrônico é mitay@seti.gov.br, circulará mensalmente. O primeiro número chegou ao mercado em agosto, trazendo como capa matérias sobre o avanço das pesquisas com transgênicos no Paraná. A outra revista recentemente lançada é a *Nexo*, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), também mensal. O primeiro número circulou em novembro do ano passado, com matéria de capa sobre jovens talentos e reportagens sobre clonagem, paleontologia e humanidades.

Brasil e Cuba reforçam parceria

O Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e o Observatório Cubano de Ciência e Tecnologia (OCCT) firmaram acordo para o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de biotecnologia e nanotecnologia. O protocolo de intenções assinado entre o presidente do CGEE, Evandro Mirra, e a diretora do OCCT, Soledad Diaz Otero, prevê, ainda o desenvolvimento de projetos conjuntos em temas de interesse mútuos, o intercâmbio de informações sobre estudos e ações de formação de recursos humanos na área de prospecção tecnológica.



LALO DE ALMEIDA/FOLHA IMAGEM

Sertanista fundou
o Parque do Xingu

Morre Orlando Villas Boas

Orlando Villas Boas, um dos criadores do Parque Nacional do Xingu, morreu no dia 12 de dezembro, aos 88 anos, em São Paulo. Nascido em Botucatu, no interior de São Paulo, participou com os irmãos Cláudio e Leonardo da Expedição Roncador Xingu, organizada pelo governo federal, no início dos anos 40, com o objetivo de desbravar a região central do país, entre os rios Tapajós, a bacia do Araguaia e os chapadões do Mato Grosso. Foi nessa época que Orlando teve os primeiros contatos com xavantes, calapalos e caiapós e que surgiu a idéia de criação de um parque onde os índios pudessem viver sós, preservando sua cultura. O decreto de criação do parque, uma área de 28 milhões de hectares, foi assinado pelo então presidente Jânio Quadros, em 1961. Ali foram abrigados 13 povos indígenas. Orlando foi diretor do parque por um período de dez anos.